

“Só os ingênuos acreditavam em felicidade”:

Estética e violência em *Pssica*, de Edyr Augusto e *O cheiro do ralo*, de Lourenço Mutarelli

“Only the naive believed in happiness”:

Aesthetics and violence in *Pssica*, by Edyr Augusto and *O cheiro do ralo*, by Lourenço Mutarelli

Deyglyson Luan Ferreira¹

Everton Luís Teixeira²

Resumo: O presente artigo propõe um estudo comparativo entre os romances *O cheiro do ralo* (2002) e *Pssica* (2015) das lavras de Lourenço Mutarelli e de Edyr Augusto Proença, respectivamente, nos quais ambos os autores contemporâneos glosam, em suas narrativas, acerca das diversas formas de violências, sejam essas físicas e/ou psicológicas. Este estudo realiza um levantamento bibliográfico com o intuito de atingir o seu principal escopo, a saber: um exame de como a “Estética da violência” é representada nas páginas da ficção contemporânea brasileira, isto é, como as diversas formas de barbárie urbanas surgem estetizadas na literatura nacional, temática que se espalhou em nossas Letras principalmente a partir da década de 1970 com os contos de Rubem Fonseca (1925-2020). Para essa pesquisa, lançou-se mão de autores diversos, tais como: Hobsbawm e Steiner, dentre outros. No exame das ficções citadas, conclui-se que, por intermédio da “Estética da violência”, autores dos mais diversos lugares do país inscreveram a Literatura Brasileira no debate sobre as fraturas socioculturais, políticas e econômicas que afligiram sobretudo o homem comum na segunda metade do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, com o cosmopolitismo plúmbeo da violência.

Palavras-chave: Edyr Augusto; Estética da violência; Lourenço Mutarelli; *O cheiro do ralo*; *Pssica*.

Abstract: This paper proposes a comparative study between the romances *O cheiro do ralo* (2002) e *Pssica* (2015) from the excerpts of Lourenço Mutarelli e de Edyr Augusto Proença, respectively, in which both of the authors talk, in their narratives, about the various forms of violence, whether them physical and/or psychological. This study carries out a bibliographic survey aiming to achieve its principal scope, namely: an examination of how the “Aesthetics of violence” is represented in the pages of contemporary Brazilian fiction. In other words, how the various form the urban barbarisms arise as aesthetics forms in national literature, a thematic that was spread in our Literature, mainly, from the 1970’s onwards with the short stories of Rubem Fonseca (1925-2020). For this research, a number of authors were used, such as: Hobsbawm, Steiner, among others. In the study of the cited romances, it was concluded that,

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) pela Universidade Federal do Pará (2024) e docente da Faculdade de Letras do Campus Universitário de Bragança (FALE/CBRAG/UFPA). luan.ferreira914@gmail.com.

² Doutor e Mestre em Letras, professor de Literaturas em Língua Portuguesa na Faculdade de Letras no Campus Universitário de Bragança (FALE/CBRAG/UFPA). evertonveredas@gmail.com.

by means of the “Aesthetics of violence” writers from the most different places of country inscribed Literature into the debate about sociocultural, political and economic fractures that afflicted, especially, the common man in the second half of the 20th century and in the first decades of the 21st century, with the leaden cosmopolitanism of violence.

Keywords: Edyr Augusto; Aesthetics of violence; Lourenço Mutarelli; *O cheiro do ralo; Psica*.

1 Introdução

A concepção deste trabalho surgiu, primeiramente, dentro dos estudos realizados na disciplina *Literatura Brasileira: Tendências contemporâneas* do curso de Letras ofertado pela Faculdade de Letras do Campus Universitário de Bragança, quando se observou, em meio aos conteúdos desse componente curricular, o crescimento nas estéticas literárias das temáticas acerca dos modos de violência e de barbárie a partir, sobretudo, da segunda metade do século XX com a publicação de *Grande sertão: veredas* (1956) de João Guimarães Rosa (1908-1967), romance no qual se deslumbra a concepção de um “sertão-mundo” traduzido pela ideia de que esse espaço não se delimita por convenções geográficas propriamente ditas, mas sim pela noção de que todo e qualquer espaço dominado pelas práticas de violência e de barbárie seria uma configuração sertaneja, independentemente de sua origem rural ou urbana, em outras palavras, como enfatiza o narrador rosiano, o “sertão está em toda a parte” (Rosa, 1963, p. 9).

Guiado por essa máxima rosiana, a produção das Letras nacionais avança as décadas chegando, por exemplo, aos contos urbanos de Rubem Fonseca (1925-2020) que, principalmente, a partir da década de 1970, trouxeram em suas páginas a crueza das ruas e dos sanguinários periódicos policiais estilizados pela linguagem aos leitores ainda desacostumados às diversas formas de expressão da violência que brotam do cotidiano das grandes cidades e das localidades periféricas do capitalismo, tais como demonstrados em narrativas como “Passeio noturno (Parte I) e (parte II)”, enfeixadas em *Feliz Ano Novo* (1973), e “O Cobrador”, conto inscrito em coletânea homônima publicada em 1979.

Uma vez apresentado o ponto de partida para desenvolvimento deste estudo voltado para duas obras produzidas na contemporaneidade, o presente artigo abarca o interesse em estudar as possíveis análises e reflexões que a Literatura contemporânea tece, lançando leitores no que concerne a uma interpretação das fragmentações e estruturações da sociedade brasileira, as quais, infelizmente, persistem nestas duas décadas de nosso recente século XXI.

Tendo em vista essas considerações, observou-se que — na avenida estética pavimentada pelos já mencionados Guimarães Rosa e Rubem Fonseca — uma variedade de obras literárias nacionais em diversos gêneros, forjadas na segunda metade do século XX, abordam de maneira incisiva e demasiadamente ácida a violência latente nos centros urbanos (e também nos espaços economicamente periféricos) brasileiros. Essas narrativas chamam atenção por uma abordagem mais visceral, factual e crua da sociedade, na qual o indivíduo é duplamente agente e vítima das múltiplas formas de violência praticadas por indivíduos abastados economicamente ou acostumados às bermas do desenvolvimento das sociedades de mercado, os quais fazem uso da violência para o preenchimento dos mais diversos fins. Dentre os autores que abraçaram tal perspectiva literária, estão o já lembrado Rubem Fonseca, o marginalizado dramaturgo Plínio Marcos (1935-1999), o reservado Dalton Trevisan (1925-2024), além de outros autores enfeixados nas páginas históricas do início do século XXI.

Diante disso, o presente trabalho tem como principal objetivo o exame — por meio de uma abordagem interpretativo-analítica da denominada Estética da Violência — dos romances contemporâneos *O cheiro do ralo* (2002), de Lourenço Mutarelli e *Pssica* (2015), de Edyr Augusto Proença. Ambos os autores retratam em suas narrativas acontecimentos que adentram nos âmbitos das violências morais e físicas. No interior desses enredos são erigidas estruturas socioculturais demasiadamente quotidianas e aniquiladoras para alguns indivíduos, assim como também relações pessoais que são estabelecidas com base em fraturas sociais, como, por exemplo, situações de exploração financeira ou sexual, as quais desencadearão ou a sensação de progressivo “apodrecimento” moral dos membros das classes dominantes ou a impressão de um destino aziago (a denominada *pssica*, expressão vocabular tão peculiar da prosódia paraense e que intitula a obra de Edyr Augusto) a malograr a existência de algumas pessoas e seus respectivos parentes, amigos ou meramente conhecidos. À vista disso, esses ficcionistas reelaboram por meio de suas criações literárias uma estrutura social geradora de desigualdades e de violências físicas e/ou morais no meio de duas grandes metrópoles brasileiras: a nortista Belém, cidade onde ocorre parte dos eventos devastadores de *Pssica*, e São Paulo, espaço em que se desenvolve a trama enfeixada em *O cheiro do ralo*.

Tendo em conta a pujança do tema da violência presente nas páginas desses autores a serem confrontados, pensou-se na possibilidade de analisar os romances acima citados levando esse signo sombrio não somente como estudo temático, mas também enquanto elemento constitutivo estético literário dessas produções estudadas. Na contemporaneidade, a violência surge impressa em várias linguagens artísticas, pois se configura essa um reflexo das

construções sociais e culturais moldadas ao longo de todo o século passado. Ao longo deste centenário, o globo passou por várias transformações devido principalmente aos vários conflitos bélicos, étnicos e religiosos. Uma dessas mudanças é perceptível no tratamento da violência nas artes, que começa a ser vista como o ponto central de certas obras, proporcionando diferentes interpretações.

Dessa forma, a barbárie e a degradação humana ganham contornos estéticos elaborados e contundentes a partir de Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Contudo, isso não quer dizer que a violência não era retratada em representações artísticas anteriores ao século XX. Mas, com as mudanças sociais e culturais do pós-guerra, a violência transforma-se em produto cultural de massa propriamente dito ao mesmo tempo que sua representação na arte vai estabelecendo contornos críticos-sociais éticos, assim como novas características estéticas. Por intermédio dessa mudança, a violência passa a ser utilizada como temário e estética no Cinema, na Literatura, nas HQs, na Poesia, na Fotografia, além de outras formas de arte que irão surgindo ao longo do “breve século” como definiu o historiador Eric Hobsbawm (1917-2012) em seu livro mais conhecido em solo brasileiro, a saber: o balzaquiano *Era dos extremos* (1995).

Por sua vez no Brasil, especificamente na Literatura, a barbárie humana ganha forma por meio do denominado Brutalismo, retratando as consequências da violência urbana provocada pela exclusão social nos grandes centros brasileiros (cf. Bosi, 1975, p. 19). A produção artística de estilo *brutalista*³ não está limitada apenas ao retrato da espúria violência e/ou em alguns desdobramentos desta, mas também na reflexão sobre essas ações e no tratamento estético dado aos marginalizados ou negligenciados de uma sociedade esfacelada.

Por fim, perceber-se-á, após as leituras de *Pssica* e de *O cheiro do ralo*, o caráter contemporâneo das construções sociais e das chamadas “pessoas comuns” — as grandes protagonistas históricas das páginas escritas pelo século passado, na leitura de estudiosos como Hobsbawm⁴. Por meio da Estética da Violência (ou do estilo brutalista), revelam-se ao leitor

³ Como recomendação para possíveis leitores não iniciados na Literatura Comparada e/ou nos estudos literários, faz-se necessário esclarecer que este artigo de abordagem tematólogica não pretende esgotar todas as abordagens acerca da violência, tais como a relação dessa com a noção de resistência, algo que não será tratado nas páginas desse trabalho, uma vez que para este estudo, adotar-se-á, primordialmente, a noção de *brutalismo* sempre que esta definição for utilizada como sinônimo de Estética da Violência. Alfredo Bosi (1936-2021) denominou — na introdução de sua coletânea *O conto contemporâneo brasileiro* (1975) — de Brutalismo a produção literária, especificamente dentro do gênero conto, que retrata a violência urbana gerada pela exclusão social retratada nos grandes centros urbanos brasileiros.

⁴ Em demanda pela relação intrínseca que deve sempre existir entre o presente e o passado, muitas correntes dos estudos históricos tais como a Historiografia social inglesa e a “Micro-história” italiana elegeram a figura da pessoa comum como o maior símbolo das mudanças que caracterizaram as sociedades no século XX. Para maior aprofundamento deste aspecto, recomenda-se a leitura do livro-entrevista de Eric Hobsbawm *O novo século* (2000) no qual, ao longo de quase duzentas páginas, esse historiador reflete sobre diversas questões que pontua(r)am a Revista A Palavrada (ISSN 2358 0526), 27, jan-jun, p. 101-123, 2025 - 1ª edição

circunstâncias impactantes e desagradáveis; caracterizando uma narração que procura por entre essas ações explícitas ou não a construção de um universo ficcional estabelecido pelas ações e emoções humanamente sinceras, irascíveis e cruéis. Estabelecido isso, este artigo forja uma análise do fenômeno literário que envolva não só a compreensão dos aspectos intrínsecos da obra ficcional, mas também uma compressão da delicada relação dos dois universos representacionais das narrativas com as realidades contextuais que incidem sobre as obras. Desse modo, pode o leitor levantar a seguinte pergunta: por que comparar esses autores contemporâneos de regiões tão diferentes do país por meio da Estética da Violência? Espera-se responder, ainda que parcialmente, a essa questão nas próximas páginas.

2 Edyr Augusto, Mutarelli e o novo Realismo brasileiro

Os aspectos da violência estetizada nas produções contemporâneas apresentam-se de várias maneiras; procurando estabelecer, por intermédio de determinados aspectos estilísticos, uma linguagem que tenha como objetivo provocar, delatar e estimular incômodos e rompimentos com o senso comum no qual o leitor está já inserido, sem esquecer a expressão artística que, é claro, permeia os textos literários. Segundo Fábio Marques Mendes, em seu *Realismo e violência na literatura contemporânea: Os contos de Famílias terrivelmente felizes, de Marçal Aquino*:

[j]á que a violência é cotidiana e intrínseca ao exterior e ao interior da realidade dos brasileiros, a ponto de estar apegada às suas próprias personalidades, em suas vidas íntimas e familiares [...], a linha de produção literária e cultural do novo Realismo brasileiro se utiliza da própria violência como matéria-prima na fabricação de sentido (Mendes, 2015, p. 155. *Grifo nosso*).

Assim, o novo Realismo brasileiro ao qual Fábio Mendes refere-se acima está relacionado às obras produzidas do fim do século XX e início do século XXI, que estão intrinsecamente ligadas e inspiradas nas obras das décadas de 1960 a 1980, das quais as primeiras darão, em grande parte, continuidade. Baseado em levantamentos bibliográficos, nesta pesquisa denota-se a existência de um volume em crescimento progressivo de trabalhos acadêmicos voltados para os estudos de obras literárias brasileiras originadas dentro do século XXI. Não obstante, por descuido ou desatenção da Academia, em geral tais produções (às vezes) são preteridas aos olhos da pesquisa científica universitária e da crítica literária

compreensão do século passado. Cf. HOBBSAWM, Eric. *O novo século: entrevista a Antonio Polito*. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

especializada. Destarte, a importância dessas obras consiste, primeiramente, no redirecionamento do olhar pouco habituado dos leitores para as produções estéticas forjadas em nossa atualidade mais próxima. Depois, tal relevância busca valorizar o estudo da Literatura vinda a lume recentemente com novas propostas temáticas e diversidade de ambientações, assim como, por fim, chamar a atenção a seus autores enquanto esses estão vivos e em contínua produção artística.

Lançando mão da violência como temática principal, conflitos de ordem social mesmo estando na agenda dos debates e das representações artísticas, são tratados de forma diametralmente oposta à sua incidência no seio de nosso *ethos* cultural, em outras palavras, ainda são descritos de forma tímida pelos estudos literários brasileiros. Diante disso, essas análises da temática da violência podem ser um caminho pelo qual a barbárie humana galga, finalmente, um lugar ao sol nos territórios de interesse da representação estética e evidencia, simultaneamente, uma reflexão e um olhar, por mais ficcional que seja, de realidades que são historicamente silenciadas e preteridas tanto pelo *establishment* e, por vezes, pelo universo literário. Não apenas em relação isso, mas o estudo sobre os temas em questão possibilitariam várias interpretações acerca das reelaborações simbólicas da violência nas sociedades urbanas contemporâneas.

No que tange a *Pssica*⁵, Edyr Augusto produz um romance ambientado nos anos 2010 no qual as trajetórias das personagens desenvolvem-se em vários locais reais e demasiadamente hostis da Amazônia latino-americana, partido de Belém ao arquipélago de Marajó, bem como passando por igarapés que atravessam o labirinto marajoara à Guiana Francesa. Tendo uma abordagem acelerada e sucinta dos fatos descritos, o narrador tece o enredo com base em diversos pontos narrativos distintos, todavia, interligados e complementares entre si ao longo do romance. Um desses pontos, por exemplo, discorre sobre uma adolescente expulsa de casa após o vazamento criminoso de um vídeo íntimo no qual ela pratica sexo oral com o namorado.

Era para ser um dia normal, de aula. Mas Janalice percebeu algo diferente ao entrar. [...] Dentro da sala, cochichos e risos. Então, a professora se irrita e alguém se levanta. Entrega um celular. A professora põe a mão na boca. Sai. O que é que tem no celular?

⁵ Por se tratar de um romance recente e por seu autor, infelizmente, ser ainda pouco conhecido nos meios acadêmicos e culturais do país, algumas informações biográficas sobre Edyr Augusto Proença e a sua obra foram extraídas de sítios eletrônicos responsáveis por elaborar críticas de livros e entrevistas escritas e gravadas com autores, tais como a referência digital que aparece catalogada na seção “Referências” deste artigo. Nessa seção, a propósito, a disposição do nome deste ficcionista ora aparece grafada como AUGUSTO, Edyr — em obras mais antigas como o romance *Pssica* —, ora como PROENÇA, Edyr Augusto — em produções mais recentes como a sua última coletânea vinda a público intitulada *Eu já morri* (2022), demonstrando que em sua breve carreira literária iniciada há quase vinte e sete anos com a publicação de seu romance de estreia *Os éguas* (1998), a maneira de o nomear e o catalogar aparece de forma flutuante.

Janalice assiste a uma demorada cena de felação que ela protagoniza, junto a seu namorado, Fenque, com direito a closes de sua genitália, a pedido dele (Augusto, 2015, p. 7).

Esse fato, desencadeará uma espécie de *karma* gradativo e aniquilador na vida da personagem desde seu exílio para Belém, onde sofre vários novos abusos sexuais, agora praticados pelo namorado de Daiane, a tia com quem a jovem vai morar; até ser raptada por uma organização de tráfico humano internacional com o fim de ser transformada numa escrava sexual.

Outros pontos cardiais de *Pssica* são: a) a narrativa de um imigrante angolano que tem sua esposa brutalmente assassinada e, assim, busca vendeta de sangue por esse crime; b) a história de um jovem que assume o controle dos negócios de roubo de cargas nos rios paraenses, atividade herdada após o assassinato do pai, nas águas do arquipélago marajoara. Além desses três pontos mencionados, há outras narrativas menores que vão interligando-se a essas anteriores, descortinando uma trilha de sangue e de dor deixada por violência, abusos e mortes.

Por seu turno, em *O cheiro do ralo* Mutarelli cria um romance carregado de significados e ambientado na capital paulista da década de 2000. Nessas páginas, o autor descreve o cotidiano de um proprietário de uma loja de penhores e de produtos usados que passa o dia negociando em seu escritório diferentes tipos de peças, apetrechos, utensílios e instrumentos. Baseado nessa premissa simples, à primeira vista, Mutarelli descreve um personagem que, aos poucos, utiliza-se sadicamente do poder do dinheiro frente ao desespero financeiro de outros indivíduos para rebaixar, desmerecer e agredir as diferentes pessoas que adentram seu espaço comercial, adquirindo gradualmente o prazer por essa prática humilhante. Além disso, há algumas peculiaridades em volta desse protagonista que implicaram de maneira profunda o seu psicológico e a narrativa da obra, como por exemplo: O mau cheiro que exala do ralo do banheiro (o qual se apresenta desde o título do romance e vai ganhando força de forma paulatina no decorrer das páginas); um estranho vulto supostamente perambulando por sua casa e o fascínio e a inexplicável obsessão sentida pelas nádegas de uma garçonne. Na escrita do autor de *Teatro de sombras* (2007) os traços da violência revelam-se ao leitor em uma configuração implícita, por vezes irônica e sutil, mais psicológica do que física, fazendo uso do léxico e da sintaxe, deixando que esse receptor da palavra literária muitas vezes tão confuso quanto o personagem principal ao longo da leitura.

Iniciando sua carreira artística no universo das *Grafic novels*, de acordo com Allan Cesar Dourado Ledo em sua dissertação defendida em 2019, devido ao pai de Mutarelli ter uma biblioteca em casa, alguns livros e HQs desempenharam um papel significativo na formação

intelectual do escritor ainda na infância, pois ele podia ler diversos gêneros que iam desde livros de arte, literatura e quadrinhos, bem como volumes de medicina legal⁶. Segundo Ledo em *Configurações do grotesco nas histórias em quadrinhos de Lourenço Mutarelli*:

Apesar de trabalhar como policial na época do regime militar, o pai do autor tentou, de várias formas, ser artista. Por falta de opção acabou entrando para a polícia [...]. Foi o pai, policial torturador e, ao mesmo tempo, apreciador das artes e da literatura, que apresentou a Mutarelli a Era de Ouro dos quadrinhos. Assim, sua infância foi marcada por personagens como Flash Gordon, Fantasma e pelas HQs de Will Eisner. Mais tarde, ao trabalhar para os estúdios Mauricio de Souza, Mutarelli teve contato com quadrinhos mais contemporâneos (Ledo, 2019, p. 15-16).

Diante disso, o então quadrinista apresenta em suas histórias — observando-se suas produções antes da publicação do primeiro romance — um conjunto existencialista e reflexivo por meio de seus personagens, manifestando nas obras um caos no qual, à medida que as narrativas acontecem, vai se mostrando organizadamente brutal em relação ao contexto que está inserido, ou seja, há uma estruturação e uma coerência nessa desordem apresentada ao leitor. Em entrevista ao canal no YouTube *Drauzio Entrevista*, em 23 de fevereiro de 2017, o próprio Lourenço Mutarelli, revela que uma das obras literárias que mais profundamente o inspirou a escrever seu primeiro livro foi *Capão pecado* (2000) do escritor e ativista paulistano Ferréz. Nesta narrativa são abordados temas como a violência, a miséria, o uso de drogas e, consequentemente, as mortes ocorridas na periferia da capital paulista derivadas desses fatores sociais. Por intermédio de uma linguagem simples e direta, tais características fomentaram em Mutarelli a vontade de escrever prosa, mas sem floreios estilísticos. Alguns desses traços estéticos estarão contidos, mesmo que minimamente, em seu livro de estreia *O cheiro do ralo*.

Apesar da toda a gama de produções artísticas em sua carreira, Edyr Augusto, por seu turno, sobressai-se e adquire progressivamente destaque em territórios nacionais e estrangeiros por meio de seus romances e contos. De acordo com o autor em “O real é sempre brutal” — entrevista concedida por ele a Mauricio Angelo do portal eletrônico *Medium*, em 15 de dezembro de 2017, — toda essa visibilidade se dá devido ao seu estilo de escrita enxuto, direto, e pelo uso de expressões populares típicas da linguagem paraense metropolitana e do interior

⁶ Dado ao seu comportamento recluso e tímido, Lourenço Mutarelli fez-se avesso a declarações públicas acerca de sua produção artística multifacetada ao longo de sua carreira. Não obstante, a partir de 2017, esse ficcionista permitiu-se mostrar por inteiro, revelando em entrevistas dados de sua biografia, referências artísticas que o influenciaram e propostas envoltas em suas produções. Tais depoimentos — como os retratados acima e posteriormente no corpo desse artigo — encontram-se, por exemplo, na plataforma de vídeos *YouTube* dentre os quais, destaca-se, a entrevista concedida ao médico e escritor Drauzio Varella em 2017, na qual o autor de *O cheiro do ralo* revela esses e outros aspectos envolvidos em sua produção estética visual. Cf. Drauzio Entrevista: Lourenço Mutarelli. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 08/03/2024.

do Estado, bem como às abordagens e às escolhas narrativas que emprega em suas histórias. Em relação à prosa, começou a escrever por puro diletantismo no início da década de 1990, inspirando-se em vários escritores nacionais do gênero policial, bem como no dia a dia da metrópole paraense enfeixada nas notícias jornalísticas que acompanhava (cf. Augusto, 2017).

Nos enredos de seus romances, Proença constrói uma espécie de *thriller* policial pelo qual os acontecimentos e progressões dos fatos surpreendem, chamando a atenção do leitor para as suas páginas por meio da extrema violência e de uma voracidade com que as circunstâncias acontecem. Dessa forma, suas construções narrativas caracterizam-se como um suspense literário que, por vezes, vai levando o leitor a, simultaneamente, refletir e a perguntar a si mesmo como dar-se-ão as conclusões dessas histórias ficcionais. À vista disso, há nas narrativas forjadas por Edyr Augusto inegavelmente cenas e características da melhor literatura contemporânea, como, por exemplo, nas obras do paulista Marçal Aquino. De acordo com o jornalista e escritor Maurício Angelo, ao entrevistar Proença para o *Medium* em 2017:

Ao contrário de [Rubem] Fonseca, dado sempre a digressões filosóficas, referências cinematográficas e da arte em geral, em descrições enciclopédicas de lugares e objetos, Edyr preza pelo texto extremamente exíguo, direto, coloquial, frases curtíssimas e que bebem diretamente do regionalismo próprio do meio em que sempre viveu: Belém do Pará (cf. Augusto, 2017).

Pode-se afirmar seguramente que o escritor desenvolveu uma estética própria; a qual ecoa no leitor igualmente paraense ao remeter aos dialetos e expressões utilizados na região metropolitana de Belém, nas ilhas de Marajó e em todo o interior do Estado. Diferentemente das digressões filosóficas apontadas nas páginas de Rubem Fonseca, não há nas personagens de Edyr Augusto tentativas de reflexão e percepção da magnitude e consequências de seus atos no sentido de expurgação ou remissão da violência praticada e/ou sofrida. Entretanto, as mesmas personagens que são cruéis e insensíveis aos seus atos podem demonstrar afeto, amor e compaixão para com outros seres; isso não se trata de uma incoerência narrativa, mas revela, portanto, a complexidade e ambiguidade existentes no interior dos seres humanos observados dentro das obras desse ficcionista.

Outrossim, o autor de *Moscow* (2001) permite por meio de seu estilo particular a interpretação de um cenário amazônico do século XXI marcado pela violência e sobrevivência de indivíduos pobres em uma sociedade fragmentada e socialmente desigual. Dessa forma, há em suas narrativas construções e significações culturais de um universo literário inspirado em cenas e contextos da Amazônia hodierna. Destarte, em seu estilo literário, marcado pelo signo do contemporâneo e de sua temática envolvendo uma violência urbana paraense, os romances

de Edyr Augusto Proença apresentam tramas violentas, sem pudores ou (falsas) moralidades, que se desenrolam por diversos lugares do Pará, passando por luxuosos hotéis, por bares de canto de esquina, pequenos botecos da periferia, restaurantes, delegacias, clubes, motéis, rios da região, praias, etc. É o próprio autor que define o estilo de sua escrita como uma somatória de toda sua carreira pública como jornalista, radialista, publicitário e autor teatral, utilizando de textos velozes e vorazes recorrentes para retratar o cotidiano descartável na celeridade dos periódicos em franca sintonia ao contexto da juventude do século XXI, gerações marcadas pelo hábito da leitura instantânea, acelerada e sem absorção de muitos detalhes.

Diante do exposto, percebe-se que Proença e Mutarelli, mesmo que com certas diferenças estilísticas, abordam a violência como ponto nevralgico em suas páginas ficcionais. Além disso, há uma produção estético-literária neles que constrói, por meio de seus personagens, ambientações e estilos, uma representação simbólica da sociedade contemporânea urbana, ao mesmo tempo também que dialoga com a noção da violência observada não como um agente, mas como um produto cultural moderno.

3 A Violência nossa de cada dia: pressupostos teóricos

Para o exame acerca dos romances *Pssica* e *O cheiro do ralo*, é mister compreender primeiramente quais são os pressupostos teóricos que fundamentam esse trabalho como a conceituação de violência, a qual perpassa por vários vieses e formas, sendo difícil descrevê-la em uníssono à medida em que existem inúmeros contextos socioculturais pelos quais pode se julgar uma ação como um ato agressivo, brutal ou ríspido. Vários são os autores que ao longo dos tempos trataram dessa temática, assim, segundo Jayme Paviani em *Conceitos de Formas de Violência* (2016):

O conceito de violência é ambíguo, complexo, implica vários elementos e posições teóricas e variadas maneiras de solução ou eliminação. As formas de violência são tão numerosas, que é difícil elencá-las de modo satisfatório. [...] Essas características gerais do conceito de violência variam no tempo e no espaço, segundo os padrões culturais de cada grupo ou época, e são ilustradas pelas dificuldades semânticas do conceito (Paviani, 2016, p. 8).

Percebe-se a complexidade de se elencar as características gerais do conceito de violência variando por culturas e por épocas. Eric Hobsbawm também pondera sobre essa mesma dificuldade dentro de uma perspectiva histórico-social; pois, segundo ele, em páginas de seu *Pessoas extraordinárias: resistência, rebeldia e jazz* (1998), desde os últimos anos da

década de 1960, a palavra “violência” é provavelmente umas das mais correntes e igualmente carentes de significado, pois há um esvaziamento do conceito ao passo que a mesma vai se tornando aceitável e vilanizada pelas massas populares. Dependendo do contexto em que essa definição surge, “há ações de diversos graus de violência que supõe diferentes manifestações qualitativas da mesma” (Hobsbawm, 1998, p. 138), segundo o historiador britânico.

Não obstante, entende-se a indispensabilidade de delimitar, com base em determinados autores que abordam tal temática quais aspectos acerca desta dão estrutura para as análises sobre a Estética da Violência. À vista disso, adota-se, nesse sentido, os conceitos da filósofa Marilena Chauí sobre violência publicados por ela no periódico *Teoria e Debate* (1998), a violência a partir de cinco visões; as quais são facilmente identificáveis nos romances de Proença e de Mutarelli: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser; 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade; 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror (Chauí, 1998, s/p.).

Outrossim, as personagens dos romances analisados nesse trabalho são ao mesmo tempo agentes e pacientes diante de circunstâncias exteriores, sejam elas físicas ou morais. A banalização da violência, de certo modo ao se pensar nas atitudes dessas personagens, não é algo intrinsecamente próprio do texto literário, mas sim um eco artístico frente às brutalidades sociais observadas e vivenciadas na contemporaneidade.

Diante disso, a literatura em Proença e em Mutarelli refletem acerca de uma brutalidade tratada como produto cultural coevo e banalizada pelas várias camadas da sociedade. Entretanto, os autores não são mero emuladores das violências diárias da realidade factual, mas as tratam em suas narrativas a fim de proporem reflexão e desconstrução de uma nova banalidade do mal, a qual os leitores estão inseridos, mas estão inertes frente como propagadores e consumidores dessa violência, como se fossem as próprias personagens dos romances. Portanto, a Estética da violência remete a uma brutalidade que — por mais chocante que seja ao leitor — é tratada com naturalidade pelas personagens, e por vezes pelo próprio leitor, pois não há remorso por parte delas, e tampouco uma reflexão ainda que rasa sobre a (a)moralidade dos atos praticados.

Assim sendo, ao conjecturar as preposições que levam o ser humano a atos extremos de violência, pode-se trazer as concepções que Hobsbawm aborda sobre as barbáries ocorridas no século XX, e como essa selvageria humana influencia as formações culturais e sociais ao fim do século XX e início do século XXI. A respeito disso, Hobsbawm, no ensaio “Barbárie: Manual do usuário” enfileirado em *Sobre história* (2013), argumenta acerca dos fatores que criaram circunstâncias de desintegração social e política no pós-guerras e sobre o quanto acostumamo-nos e tratamos com certa normalidade a desintegração daquilo que nossos antepassados consideravam inegociável, a humanidade. Dessa forma, o historiador britânico argumenta que a barbárie apresentou um crescimento durante a maior parte do século XX, e mesmo nas primeiras duas décadas do século atual, ainda não há indícios de que o horizonte final desse crescimento esteja próximo. Assim, o autor de *Era dos extremos* entende de que essa concepção de violência e de brutalidade tenha dois significados:

Nesse contexto, entendo que “barbárie” signifique duas coisas. Primeiro, a ruptura e colapso dos sistemas de regras e comportamento moral pelos quais todas as sociedades controlam as relações entre seus membros e, em menor extensão, entre seus membros e os de outras sociedades. Em segundo lugar, ou seja, mais especificamente, a reversão do que poderíamos chamar de projeto do Iluminismo do século XVIII, a saber, o estabelecimento de um sistema *universal* de tais regras e normas de comportamento moral, corporificado nas instituições dos Estados e dedicado ao progresso racional da humanidade [...]. As duas coisas estão agora acontecendo e reforçam seus respectivos efeitos negativos em nossas vidas (Hobsbawm, 2013, p. 349).

De acordo com esse intelectual, essa primeira concepção de barbárie acontece quando os controles tradicionais do Estado desaparecem. Sob essa conjuntura, entende-se que os governos esfacelados ou desestruturados de suas prerrogativas de controle social propiciam ao homem a oportunidade de ingressar em cenários libertinos onde “tudo é permitido”; pois, em determinados contextos, o próprio *status quo*, Governo, etnia ou grupo social legitima ações de violência e brutalidade contra outras pessoas. “Desconfio que grande parte das atrocidades atualmente cometidas nas guerras civis de três continentes reflete esse tipo de ruptura, característica do mundo ao final do século XX” (Hobsbawm, 2013, p. 349), conclui pesarosamente esse historiador.

A segunda concepção, a qual o autor assume mais interesse, “uma das poucas coisas que nos separam de uma queda acelerada nas trevas é o conjunto de valores herdados do Iluminismo do século XVIII” (Hobsbawm, 2013, p. 349). Para um observador atento da História como Hobsbawm, desde a Primeira Guerra até o final do século XX, houve um declive acentuado em direção à barbárie devido à normalização e aos silenciamentos em relação aos abusos ocorridos

em vários momentos do último século. Essas perversões de valores humanistas são reflexos de um século repleto de conflitos violentos, de fortes autoritarismos, de guerras e luta das minorias frente à violência a qual eram submetidas. À sombra dessas condições de desintegração social e política, “devemos esperar, em todo caso, um declínio na civilidade e um crescimento na barbárie” (Hobsbawm, 2013, p. 362), asseverou o autor de *Tempos interessantes* (2002).

Ainda sobre o esse declínio da humanidade e o crescimento da barbárie, George Steiner (1929-2020), em seu *No Castelo do Barba Azul* (1991), afirma que a sociedade atual é uma pós-cultura; e, por isso, está em estado de perturbação na qual, com o declínio da civilidade, perde-se a sensibilidade moral das relações humanas e se opta por uma violência e destruição mútua, desde as relações de poder entre os Estados até as relações cotidianas. Em contrapartida a esse cenário de pós-cultura, há uma sociedade que vive em meio a vários avanços tecnológicos e culturais que permitem um melhor desenvolvimento das humanidades e das ciências.

Sob as reflexões de Hobsbawm e de Steiner acerca da barbárie, percebe-se que há nas obras de Mutarelli e nas de Edyr Augusto o mesmo esfacelamento dos controles tradicionais do Estado, bem como uma possível derrocada dos valores humanísticos emergidos do Iluminismo em uma sociedade marcada pelo avanço das redes de informação e pelo alargamento do fosso das desigualdades sociais. Entretanto, em meio a tanta informação e conhecimentos em relação às fragmentações sociais ocasionadas pela brutalidade física ou psicológica, estes são preteridos pela vulgarização e esvaziamento dos conflitos pelo próprio ser humano. Dessa forma, é sob esse cenário complexo e enredado de conflitos socioculturais que a violência se torna um produto cultural, seja como um entretenimento que banaliza e normaliza a violência, ou como expressão estética que visa a reflexão e interpretação das estruturas contemporâneas.

4 A violência como estética literária

Os romances que serão analisados de Proença e de Mutarelli têm, no desenvolvimento da ação das personagens e no desenrolar da narrativa, a violência como estética literária. Nessas produções, a violência surge por intermédio de quebras sintáticas e estilísticas no interior da escrita de cada autor: em *Pssica* tem-se a urgência visceral da narrativa por meio de uma construção linguista que reflete a brutalidade de seus protagonistas; por sua vez, em *O cheiro do ralo*, há uma linguagem fragmentada e episódica, intensamente ligada à vida retalhada dos personagens e às reflexões realizadas pelo protagonista. Nessas duas obras, a linguagem revela-

se desprendida das tradições estéticas para revelar ao leitor os meandros da violência da sociedade moderna, bem como a face de barbárie da humanidade.

Deixe-se claro que os cenários “ficcional” dessas narrativas também podem ser estendidos ao contexto social de leitores de quaisquer outras regiões do país, porque essas reproduções propostas por Edyr Augusto Proença e por Mutarelli estão irmanadas a outras tantas realidades violentas brasileiras. Por isso, ainda que existam aspectos regionais e ambientações tipicamente amazônicas em *Pssica*, por exemplo, há uma universalização das ações de brutalidade que aproximam o ficcional das obras literárias da factualidade do leitor, esta última marcada pelo ferrete da decadência dos indivíduos movidos passionalmente.

Assim, da mesma maneira como visto nas obras de Edyr Augusto, Lourenço Mutarelli em *O cheiro do ralo* trata de personagens que vão contra certos ideais de civilidade, gerando, entre outros aspectos, uma visão pessimista e repulsiva das relações humanas. Na escrita de Mutarelli, por sua vez, há a violência psicológica como um fim ante às complicações e hostilidades dos relacionamentos afetivos. Além disso, esse autor apresenta a manifestação da decomposição dos valores humanos por meio de um protagonista disforme, repulsivo e sádico utilizando-se disso para ter um certo prazer e sentido em sua vida:

[...] Ela falou que já estavam na gráfica. Os convites. Ela falou que me amava. Ela falou que ao meu lado seria feliz.
Eu falei que só os ingênuos acreditavam em felicidade.
Ela cobriu o rosto tentando chorar. Estúpido! Insensível!
É isso que você é. Insensível.

[...]

Eu não gosto de você. Nunca gostei. Nunca gostei de ninguém.
Ela de joelhos no chão chorava de uma forma engraçada.
Eu ri. Sai daqui! Você é louco! Agora sou eu quem não quer casar com um louco. Ter uns filhos tudo loucos. Sai! E não apareça nunca mais! Seu louco.
O que que os outros vão pensar, com os convites na gráfica?
Foi o que ouvi ao fechar a porta (Mutarelli, 2002, p. 12).

Conforme o fragmento apresentado acima, o protagonista, o qual o nome jamais é revelado no decorrer de todo o romance, mostra-se como uma espécie de misantropo insensível aos sentimentos alheios e às consequências decorrentes de seus atos. No evento descrito, é observado o declínio de valores humanistas em um universo social de ruínas e degradação pelo qual o narrador (e muitos de nós leitores) está inserido.

Em *Pssica* a narrativa acompanha e relaciona o destino de uma tríade de personagens: Janalice, Manoel Tourinhos (vulgo Portuga) e Preá (apelido de Jonas de Lima). Em seu primeiro

momento, a narrativa apresenta-nos as desventuras de Janalice⁷, jovem do interior paraense cuja biografia é destroçada após vivenciar uma situação humilhante, a lembrar: o vazamento de um vídeo íntimo com o então namorado conforme retratado na segunda secção desse artigo. Tal situação funcionará, como — na brincadeira infantil e inocente — quando se lança uma pequena pedra na água e a queda desta provoca o surgimento de círculos concêntricos. Todavia, no enredo de *Pssica*, não há espaço para gestos pequenos e delitos sem importância ou consequências, ao deitar a pedra que inaugura a experiência sexual na juventude de uma menina é provocada a enorme onda devastadora na existência adolescente de Janalice haja vista que, além do constrangimento público com o acréscimo dos comentários jocosos ao seu caráter, do espancamento por parte dos pais, da posterior expulsão tanto da escola como de casa, Janalice ainda é renegada pelo namorado causador de todo o infortúnio e, agora, indiferente ao sofrimento dela. Diante dessas adversidades, a jovem é mandada a Belém para viver com a tia materna no centro antigo e comercial da cidade. É nessa nova tentativa de lar na capital paraense, no entanto, que a garota passa a ser violentada sexualmente por Célio, o namorado de sua tia, e a fazer uso de drogas oferecidas pela nova e também perdida amiga Dionete. Essa relação fraternal, longe de parecer um bálsamo na vida de Janalice, representará uma nova e pior etapa da queda livre no imenso poço sem fundo em que se tornou a vida da personagem, pois, ao final do primeiro capítulo, pela iniciativa premeditada dessa amiga, Janalice é capturada, surrada, traficada e vendida como uma escrava sexual.

Uma Kombi com vidros negros encosta. O coroa e Dionete a seguram pelos braços. Abrem a porta. [...] O que é isso? Leva um murrão nos seios e cai. Alguém diz: Valeu! O carro arranca, balançando nos buracos. O que é isso? Um chute na bunda. Cala a boca. Mas. Cala a boca, caralho! Não dava pra ver pelos vidros aonde estava indo. Fechou os olhos, se encolheu e chorou (Augusto, 2015, p. 11).

Por sua vez, as histórias de Manoel Tourinhos e Preá são apresentadas no capítulo seguinte e também são igualmente marcadas por atos extremados de violência. Manoel Tourinhos é um angolano que serviu como atirador no exército de seu país, mas com o advento da revolução angolana em meados de 1975 e o posterior assassinato dos seus pais, fugiu para Portugal e de lá para terras brasileiras, vindo parar em Belém e depois conhecendo aquela que seria sua esposa, Ana Maura. Por causa do amor, Portuga — apelido ganho devido a cor clara

⁷ Sete anos depois da publicação de *Pssica*, Edyr Augusto Proença retomou a história desta personagem — com alterações igualmente brutais feitas em seu enredo e desfecho — na narrativa “Eu já morri”. Este conto breve encerra a coletânea homônima de dezessete contos curtos, oitava e mais recente publicação do autor. (cf. Proença, 2022, p. 92-94).

de sua pele e à lusitanidade de seu sotaque — larga tudo na capital paraense para morar com sua cônjuge em São Miguel de Currallinho, ilha onde o casal constrói com bastante trabalho um armazém para vendas. Não obstante, das águas pacíficas e de idílio no rio Pará que prometia ser a vida desse casal emergem as figuras sinistras dos ladrões Preá, Índio e Pitico, os quais tentam assaltar, sem sucesso, o pequeno comércio de Portuga na madrugada, sem desconfiar do conhecimento técnico deste nas artes bélicas. O conhecimento prévio do angolano com armas permitiu, assim, frustrar os planos dessa trinca de bandidos e evitar o assalto, causando um ferimento mortal em Índio, irmão de Pitico.

Tendo levado Ana Maura, como refém, os criminosos fogem pelo rio e com a morte de seu irmão na fuga, Pitico, tomado pela fúria, decide matar a cativa com requintes de ódio e de crueldade, esquartejando a mulher raptada, lançando as partes do corpo desta nas águas.

Preá, dá aí esse terçado. Não faz maldade, não. Não me mata, por favor. Pitico desfere um golpe e decepa a mão. Ela grita, se curva, tenta se jogar da rabeta. Pitico não deixa. Vai morrer, filha da puta, sofrendo. Agora ele corta o pé. Ela grita. Vai, Preá. Tá gelado, porra? Vamos, caralho! Sem paciência, ele enfia o terçado no bucho da mulher, que já não se mexe. E a decapita em uns cinco golpes. Joga fora a cabeça. O corpo. Está todo ensanguentado. Senta na proa e fica assim até voltarem. Preá, o Portuga vem aí atrás da gente. Vaza, some por uns tempos. Eu me cuido. Quero que ele venha porque eu vou me vingar (Augusto, 2015, p. 14).

Pitico profetiza o futuro de sua própria história, pois na sequência desse episódio brutal, Portuga — agora acompanhado de seu rival no amor da assassinada Ana Maura, Zé do Boi, — empreende uma caçada sanguinária para matar o feminicida Pitico e seu comparsa. Dessa forma, tem-se a construção do terceiro personagem mais relevante da obra, a saber: Preá.

Em sua busca sanguinária pelos assassinos de sua mulher, o angolano adquire informações que o levam à casa de Tabaco — alcunha de Vailson de Lima, simultaneamente, líder da quadrilha de ratos d'água, criminosos que cometem assaltos nos rios da região e, também, pai de Preá. É nessa localidade que Tourinhos e Zé do Boi executam Tabaco, pois este revela sob tortura física apenas a identidade de um dos assassinos de Ana Maura, não entregando, contudo, um único nome, o de quem era o terceiro celerado envolvido no crime, no caso, o seu próprio filho Jonas de Lima, o Preá.

A faca lhe levou a orelha. Filho da puta, tu me cortou! Cala a boca, caralho! Me responde ou vai perder a outra orelha. Eu não sei! A faca ia. Não, espera. Sei lá. Sim, tá bom, foi Manel [sic], Pedro, Calango, Pitico, Índio. Isso, esses dois. Cadê? Quem? Levou um tapa na cara. Fala, porra. A cara vermelha de raiva e vergonha do tapa na cara. Eles sumiram daqui. Nunca mais vi. A faca levou a outra orelha. [...] Tinha mais um! Tinha mais um! Ele não fez nada! Não fez nada! Só estava na rabeta, não fez nada! Quem era, porra? Fala! Pode me matar que esse não digo o nome nem pelo

caralho! Então morre, filho da puta! Agora ouvia o ruído desagradável da faca penetrando em seu bucho (Augusto, 2015, p. 15-16).

Por sua vez, em *O cheiro do ralo*, há uma narrativa em primeira pessoa que expõe o cotidiano e os pensamentos do protagonista. Ao correr da obra, várias situações invulgares e, de certo modo, incômodas são colocadas ao leitor, o qual passa a ter o conhecimento das cogitações, dos desejos e das vontades do dono da loja. Além disso, a maioria dos relatos do protagonista gira em torno de uma fixação doentia pelas nádegas da atendente da lanchonete e de pequenas reflexões sobre as relações humanas. Nesse ínterim, o narrador também pondera acerca do porquê despreza certas interações sociais, bem como tem de lidar com problemas práticos, tais como aqueles advindos do cheiro exalado pelo ralo de seu banheiro. Este torna-se tão caro à narrativa — seja como *locus* real, seja como representação metafórica da podridão interna do protagonista — que começa a afetar as saúdes física e mental do narrador, transformando-se em um personagem à parte, o grande antagonista do romance.

Ele pega o violino e sai.
Mas, antes de fechar a porta, solta:
Aqui cheira a merda.
É o ralo.
Não. Não é não.
Claro que é. O cheiro vem do ralo.
Ele entra e fecha a porta.
O cheiro vem de você.
Olha lá. Levanto e caminho até o banheirinho.
Olha lá, o cheiro vem do ralinho.
Ele ri coçando a barba.
Quem usa esse banheiro?
Eu.
Quem mais?
Só eu.
Ele continua com o sorriso no rosto, solta:
E então, de onde vem o cheiro? (Mutarelli, 2002, p. 16-17. *Grifos nossos*)

Diferentemente de *Pssica*, a decadência dos valores humanistas em *O cheiro do ralo* não é tão seca e cruel em termos linguísticos e nas ações dos personagens. Entretanto, aqui neste romance de Mutarelli, a derrocada moral está relacionada à obsessão do seu protagonista em se afirmar diante dos outros, uma razão de viver que consiste em explorar e usar a todos para o seu bel-prazer. Dessa maneira, o protagonista de Mutarelli é a representação do homem contemporâneo que pratica violências sutis, psicológicas e obsessivas não para sobreviver, como na narrativa de Edyr Augusto, mas para se sentir vivo ao adquirir poder sobre outros sujeitos.

Esse ralo a que eu mesmo dei vida. *Esse ralo é para onde projetei o escuro que sou.* Esse ralo é o que eu lhe emprestei. O ralo e a bunda, dois extremos. Dois buracos extremos. Um leva ao interno do ser, outro ao interno do mundo. Toda a carga que depositei nessa bunda, infelizmente, quando me refiro à carga depositada, é uma figura meramente psicológica. Esta bunda, que agora abraço, era a minha salvação (Mutarelli, 2002, p. 134. *Grifos nossos*).

Assim, a obra do autor de *Natimorto* (2004) traz à tona certos aspectos que ajudam a configurar o homem indiferente do século XXI em termos psicológicos ao abordar questões existenciais enquanto ocorre a busca insana do narrado pelo sentido em viver por meio de ações ao mesmo tempo dúbias e transgressoras, descortinando um inconformismo bem como a falta de índole desse personagem para atingir sua demanda.

Edyr Augusto, por meio de seu estilo ríspido e cru, desenvolve alguns pontos em termos narrativos que são recorrentes em *Pssica* e ditam, de certa maneira, os rumos da obra, como o uso de drogas, o sexo, a prostituição, a violência contra mulher, os assassinatos e as práticas de abusos físicos. Além disso, encontram-se timidamente nesse romance algumas características das narrativas policiais clássicas como mortes misteriosas de personagens; um *doublé* de detetive e policial, o qual desenvolve uma investigação infrutífera para encontrar Janalice; bem como a violência urbana encenada por personagens extremamente dúbios. Diferentemente daquilo que fora apresentado em seu romance de estreia, *Os éguas* (1998), essas características do gênero policial aqui pouco são desenvolvidas e servem apenas para enfatizar que a violência funciona como uma procêla que atinge e carrega consigo todos que se aproximam dela. A provar essa ideia, o detetive Amadeu tem, quase ao final da narrativa, uma morte infortuna e sem conseguir solucionar nenhum crime em sua investigação particular.

Boa tarde, é aí adiante que fica o sítio do seu Barrão? É, sim, senhor. Mais uns dez minutos andando. [...] Ah, porra. Uma moto passou ao seu lado. Será que Amadeu chegou a ouvir o disparo da arma que lhe perfurou o crânio? O assassino estacionou, voltou e deu mais três tiros. Desnecessários. Amadeu estava morto (Augusto, 2015, p. 72).

Dessa maneira, nota-se que além dos três personagens principais já mencionados, outros indivíduos também são envolvidos pelas voltas ofídicas dos perigos erigidos em *Pssica*, no qual as verdades são interditas e tentar aprofundar-se na veracidade dos fatos pode ser fatal, como numa espécie de maldição, literalmente uma *pssica* (que no regionalismo paraense corresponde semanticamente a “azar”, “maldição”, “agouro”). No entanto, apesar desse diálogo com as características do romance policial, Edyr Augusto desenvolve uma narrativa peculiar ao alternar o ato de narrar por diversos personagens além dos principais, bem como se utiliza de marcas de

oralidade, regionalismos e circunstanciais brutalidades que seguem suas criações ficcionais pela cidade e pelos interiores do Pará e da Pan-amazônia. À vista disso, por meio dessas composições atreladas à inexistência completa de marcadores gráficos ou pontuais de diálogos (todos os turnos de fala se confundem em um mesmo parágrafo), frases curtas e um foco nas ações dos personagens, o autor de *Casa de caba* (2004) revela a estética da violência na própria elaboração linguística do romance por meio de quebras das normas gramaticais e, principalmente, pelo uso de palavrões e expressões de baixíssimo calão.

Por sua vez, Mutarelli constrói a narrativa de *O cheiro do ralo* por intermédio de uma composição linguística pautada na fragmentação dos diálogos, os quais se sobrepõem e se justapõem ao longo de todo o enredo e na sua experiência oriunda das HQs, construindo uma produção que flerta com uma estética *underground* e episódica, revelando uma obra experimental e com tons marcadamente surrealistas. Assim, essas características compõem uma estética da violência por entre os monólogos, embates dialéticos e reflexões de seu protagonista. Ao contrário de Edyr Augusto, o escritor paulista desenvolve uma violência psicológica, colocando em segundo plano a violência física dos personagens; além de também utilizar-se de uma espécie de crueza das palavras, fazendo suposições e propensões implícitas à decadência dos valores iluministas e do ser humano na sociedade brasileira do século XXI.

Preterindo uma narrativa clássica de romance em termos estéticos e de construção do texto, Mutarelli expõe por meio de um trabalho experimental o *nonsense* e a violência do homem hodierno. Além disso, nesse romance de frases e situações narrativas curtas, tem-se um narrador que luta e se entrega a instintos primitivamente profundos, desenvolvendo junto a isso situações e personagens inimagináveis, revelando recortes sociais de pessoas desesperadas que se submetem ao jugo do fedor do ralo (e do caráter pútrido do protagonista) para terem parcos proventos financeiros.

Em *Pssica*, no que lhe diz respeito, há um delineamento narrativo que perpassa por várias classes sociais no contexto amazônico, desde pessoas em estado de avançada vulnerabilidade social até a classe média alta, envolvendo pessoas subalternizadas e outras que detêm o poder político e/ou financeiros dos vários cenários por onde o romance acontece. Esse enlace narrativo percorrendo várias camadas sociais revela uma conjuntura de extrema violência que está intrincada desde o mais alto cargo, até o mais reles indivíduo numa pirâmide de violência e de barbárie. Todo esse contexto propõe a decadência humana, tornada comum e se movendo por jogos de poder e de controle.

Em ambos os autores estudados, sobressaem o tratamento da temática da violência não

apenas pela trama em si, que não chega a ser, de certa forma, o ponto mais relevante das obras, embora sejam romances de violência envolvente e fluída. Não obstante, Edyr Augusto e Lourenço Mutarelli evidenciam em suas perspectivas locais, amazônica e paulista, respectivamente, atmosferas igualmente decadentes em valores humanistas. Longe de visões escapistas do bucolismo e da simplicidade que outrora permeava a visão ufanista dos brasileiros, obras como *O cheiro do ralo* e *Pssica* primam por realizar um (re)corte social contemporâneo em que se desmascaram nossas ídoles animais, deixando pungir práticas espúrias de violência em cenários propositadamente decadentes e perigosos, os quais, infelizmente, expandem-se continuamente para outros contextos nem sempre seguros como as veredas da Literatura.

5 Conclusão

O presente trabalho apresentou, por meio de um levantamento bibliográfico e interpretativo, uma proposta de estudo comparatista do tema da violência na construção narrativa de dois romances publicados na contemporaneidade do século XXI, a saber: *O cheiro do ralo* (2002), de Lourenço Mutarelli, e *Pssica* (2015), de Edyr Augusto Proença, com o intuito de mostrar como tais obras permitem interpretações sobre as fragmentações, organização e conflitos sociais presentes nos tempos atuais. Essas representações artísticas evidenciam a vivência cotidiana de uma parte quase sempre alijada historicamente da sociedade brasileira, mas que ainda assim criam conflitos, lutas e ambições sociais; provocando as mais brutais práticas de violências e abusos de toda a ordem.

Levando em consideração o amplo campo dos estudos comparativos existente, não há, até o momento, nenhum trabalho ou pesquisa relacionando às produções dos autores Edyr Augusto e Lourenço Mutarelli, assim como também não existem estudos das obras destes ficcionistas em diálogos com outras obras literárias ou de outras modalidades artísticas. Desta maneira, esse artigo apresenta-se como o primeiro exame comparativo entre esses autores e suas respectivas produções.

Cabe ressaltar que o valor estético dessas obras não está ligado apenas à ideia de violência e ao seu relato descrito de forma cruel e detalhada nas páginas dessas produções, mas também à representação literária que essas narrativas podem suscitar aos leitores sobre as fragmentações e conflitos sociais contemporâneos. Além disso, esses elementos não se tratam apenas de uma emulação dos estilos de grandes nomes das Letras nacionais trazidos a lume na segunda metade do século XX como, por exemplo, Rubem Fonseca, mas de composições

literárias impares que permitem a reflexão das construções sociais modernas e de seus valores diante das relações humanas já esgarçadas. Ademais, tanto *O cheiro do ralo* — romance vertido para a linguagem fílmica em 2007, sob a direção de Heitor Dhalia e protagonizado por Selton Mello —, quanto *Pssica* — que se encontra atualmente em processo de roteirização para compor o catálogo de séries da Netflix, de acordo com postagem oficial desse canal de *streaming* em sua página virtual feita em julho de 2024 — proporcionam uma ressignificação na estética do gênero romance e da violência dentro da produção literária brasileira nos últimos anos.

Partindo das questões levantadas nas páginas deste trabalho, os dois romances podem ser entendidos como representações da decadência de uma definição humanista de civilização advinda dos conceitos do Iluminismo oitocentista tal como foram examinados por intelectuais de renome como Eric Hobsbawm em artigos publicados nos anos de 1998 e 2013 e George Steiner em uma coletânea de ensaios de 1991. Em um século marcado por avanços tecnológicos como está sendo o século XXI em diversos campos e das mídias sociais, os autores Edyr Augusto e Lourenço Mutarelli criam sob o espectro da barbárie elementos que expõem a marginalidade e a decadência, características pungentes de dois centros urbanos antagônicos culturalmente, Belém e São Paulo, mas que se assemelham nas desigualdades sociais e nas violências cotidianas.

Sob esse viés, os trabalhos de Edyr Augusto e de Mutarelli, em escalas díspares, apresentam uma decadência dos valores humanistas, porque a sociedade retratada em seus respectivos romances é, simultaneamente, agente e paciente das agressividades vivenciadas ao seu redor; sendo motivada e influenciada por propensões não civilizatórias e de sobrevivência frente um contexto hostil e cruel da Amazônia latino-americana contemporânea ou da indiferente capital paulista. Dessa forma, em *Pssica* e em *O cheiro do ralo*, os personagens conseguem impelir ao leitor um esfacelamento dos valores éticos e morais, fazendo com que as conflagrações dos protagonistas sejam destroçadas e desarranjadas de formas variadas, bem como o direcionamento para outras ações que irão desencadear o surgimento de novos personagens atrelados a uma rede invisível e de difícil delimitação de violência e de barbárie.

Por fim, buscou-se no presente artigo uma abordagem envolvendo a complexidade dos conceitos a respeito da violência, os quais são heterogêneos e mudam de percepção teórica de acordo com diversos fatores e fenômenos, dentre os quais, a cultura, a época, a área de estudo e os autores. Dessa maneira, para fins de delimitar a concepção da violência em relação a quais

aspectos acerca dela estão presentes em *Pssica* e *O cheiro do ralo*, optou-se por utilizar um recorte teórico abarcando as definições do conceito de violência.

Diante de tudo o que foi exposto ao longo desse trabalho, pode-se assegurar que a violência vista durante o século XX e final do XIX espalharam seus negros tentáculos até hoje, como consequência dos fatores histórico-sociais presenciados no último século e com uma espécie de profissionalização vulgar de práticas outrora intoleráveis. À sombra disso, percebe-se que a violência é uma das temáticas das produções artísticas culturais da sociedade contemporânea. A brutalidade chega aos nossos dias sendo repercutida sob as mais diversas formas de mídia; assumindo também, por meio das várias linguagens artísticas, diferentes abordagens estéticas, a fim de levar ao receptor dessas estéticas reflexões, questionamentos e percepções sobre a atual conjuntura contemporânea em que nenhum homem comum se encontra minimamente seguro, seja nas páginas da História, seja nas da ficção.

Referências

- AUGUSTO, Edyr. “O real é sempre brutal”. Entrevista concedida a Maurício Angelo. In: *Medium.com*. [15 dez 2017]. Disponível em: <<https://medium.com/minas>>. Acesso em: 28 set. 2018.
- AUGUSTO, Edyr. *Pssica*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- BOSI, Alfredo. Situação e Formas do Conto Brasileiro Contemporâneo. In: *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix. 1975. p. 7-22.
- CHAUÍ, Marilena. Ensaio ética e violência. *Teoria e Debate*, São Paulo. v. 11, n. 39, 1998. Disponível em: <<https://teoriaedebate.org.br>>. Acesso em: 26 jan. 2019.
- FONSECA, Rubem. *64 contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric. As regras da violência. In: *Pessoas extraordinárias: resistência, rebeldia e jazz*. Trad: Irene Hirsch e Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HOBSBAWM, Eric. *O novo século: entrevista a Antonio Polito*. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HOBSBAWM, Eric. Barbárie: Manual do usuário. In: *Sobre história*. Trad. Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 347-363.
- LEDO, Allan Cesar Dourado. *Configurações do grotesco nas histórias em quadrinhos de Lourenço Mutarelli*. 2019. 168 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) — Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
- MENDES, Fábio Marques. *Realismo e violência na literatura contemporânea: os contos de Famílias terrivelmente felizes, de Marçal Aquino*. São Paulo: UNESP, 2015.
- Revista A Palavrada (ISSN 2358 0526), 27, jan-jun, p. 101-123, 2025 - 1ª edição

- MUTARELLI, Lourenço. *O cheiro do ralo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MUTARELLI, Lourenço. Drauzio Entrevista: Lourenço Mutarelli. [Entrevista concedida em 23 de fevereiro de 2017]. Disponível em: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em: 8 de mar. 2024.
- PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, Maura Regina (Org.). *Conceitos de formas de violência*. Caxias do Sul, EDUCS, 2016. p. 8-21.
- PROENÇA, Edyr Augusto. *Eu já morri*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- ROSA, João Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963.
- STEINER, George. *No castelo do Barba Azul: Algumas notas para a redefinição cultural*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo Companhia das Letras. 1991.

Recebido: 30/04/2025

Aprovado: 24/05/2025

Publicado: 30/06/2025